

Exterioridade: exílio e nação na Argentina do século XIX

Fábio Francisco Feltrin de Souza¹

Resumo:

Este artigo defende a hipótese de que toda experiência de vida é uma experiência de exílio. Com isso, pode-se supor que a construção de si é manejada sob o signo do nomadismo, da perda, do sofrimento que muitas vezes ganha as vestes do trauma. A escrita do exílio se dá em torno desse trauma, dessa separação, para construir uma trama ficcional. Assim, para discutir essa hipótese, serão analisadas as obras de Juan Bautista Alberdi, Esteban Echeverría, Mariquita Sánchez. Pertencentes à chamada “geração” romântica argentina de 1837, armaram um enredo para suas suas vidas e para a nação; viveram, cada um em sua singularidade na fronteira, no limiar; foram estrangeiros no mundo e fizeram do nomadismo e do desejo de fundar uma coletividade, suas vidas; transformaram o exílio em asilo. Nisso possível inferir que exista uma continuidade, uma imanência, entre exílio e nação.

Palavras-chave: Nação, Exílio, Escrita de si.

Abstract:

This article defends the hypothesis of that all experience of life is an exile experience. So, it's possible to accept that the construction of “self” is made under the sign of the nomadism, the loss, the suffering that many times wins the power of the trauma. The writing of the exile occurs around this trauma, this separation, to construct a fictional plot. Then, to discuss this hypothesis, the works of Juan Bautista Alberdi, Esteban Echeverría will be analyzed, Mariquita Sanchez. They belonged to the call Argentine romantic “generation” of 1837 and they constructed a narrative for their lives and nation; they had lived, each one in its singularity, in the border; they had been foreign in the world and they had made of the nomadism and the desire to establish a collective, the centrality of their lives; they had transformed the exile into asylum. In this possible one to infer that exist a continuity and a immanence between exile and nation.

Keywords: Nation, Exile, Self Writing.

O argentino Juan Bautista Alberdi escreveu em suas memórias que “casi toda nuestra literatura liberal se ha producido en el suelo móvil pero fecundo de esa provincia nómada”.² Há aí um paradoxo: nossa tradição, via de regra, coloca o exílio como uma desgraça; aliás, como a desgraça por excelência, aquela em que se pode reunir todas as dores. Por outro lado, também coloca o exílio como uma possibilidade positiva, de ser ou de existir. Caída ou partida, a desgraça é inevitável para a constituição do ser.³ Contudo, não se parte ou se cai de algum lugar; a topografia do ser é a passagem, é o trânsito; é estar no entre-lugar. Dito de outra maneira, o ser é o próprio centro no ir e vir, no sair e entrar, uma *ex-istencia*, um viver no fora. Levando essa proposição ao limite último e analisando apenas o prefixo *ex* pode-se dizer que nossa existência é exilada. Dessa forma se poderia supor que toda experiência de vida, de existir, é uma experiência de exílio, de estar na fronteira. Construimo-nos sob o signo do nomadismo, da perda, do sofrimento que muitas vezes toma as vestes do trauma que nada mais é do que a repetição de uma vivência que será elaborada no confronto com a resistência implementada pelo sujeito. A escrita do exílio se dá em torno desse trauma para construir uma

trama ficcional afim de “romper a resistência da linguagem e escrever o real de uma história”.⁴

Histórias ditas, contadas, escritas. Histórias marcadas pelo seu constante desaparecimento. Palavras que se arrastam e se acumulam como restos fora de seus sulcos tidos como costumeiros. Palavras do exterior.⁵ Exterior que não está em oposição ao interior; é o próprio interior estendido a sua condição de exterioridade. De lá Juan Bautista Alberdi, Esteban Echeverría, Mariquita Sánchez, pertencentes à chamada “Geração” romântica argentina de 1837, armaram um enredo para sua suas vidas e para a nação. Personagens, cada um em sua singularidade, que viveram na fronteira, no limiar; estrangeiros no mundo. Fizeram do nomadismo e do desejo de dizer “eu”, de dizer “nós”, de fundar uma coletividade, sua vida. Transformaram o exílio num asilo.

Alberdi ou o homem público

Asilo encontrado na palavra escrita, no gesto construtivo de uma imagem de si. Imagem esta a guardar inscrições muito próprias, típicas da emergência de um individualismo moderno, da possibilidade de um dizer sobre si; da vida ser uma história ou da escrita ser vida. Vida estrangeira, palavra da exterioridade. Alberdi viveu (e escreveu) mais tempo fora da Argentina do que em seu país.⁶ Após emigrar para Montevideu em 1838 passou pela França, Itália, Suíça, Inglaterra e Brasil. Sua saída da capital oriental teve toques conspiratórios e encobertos pelo manto do medo e do desejo de liberdade: Giuseppe Garibaldi, então em Montevideo, ajudou Alberdi e Gutiérrez na fuga. Aproveitaram uma festa dada por Mariquita Sánchez no dia 5 de abril de 1843, a marinheiros franceses, para misturarem-se aos convidados para embarcarem posteriormente.⁷ As ordens de Oribe, aliado de Juan Manuel de Rosas, eram bastante claras: ninguém poderia sair da cidade sitiada. Chegaram a Gênova em 6 de junho e após uma fugaz passagem pela Europa, desembarcam no Rio de Janeiro em dezembro do mesmo ano onde encontram José Mármol e Sarmiento.⁸ Na capital do Império, Alberdi colaborou com alguns jornais republicanos, mas foi no Chile, onde viveu por 11 anos, que o argentino exercitou toda sua força militante. Lá escreveu mais de 200 artigos para jornais de Santiago e Valparaíso. Fez da imprensa a tribuna para o debate jurídico e para inventar-se como homem público. Em seus escritos, emerge a imagem de um homem de nobres e elevados valores, a serviço única e exclusivamente da pátria ceifada pela barbárie, pela falta de liberdade. Alberdi fez-se como um legislador a mirar seu país sem travas na visão; a diagnosticar a si mesmo e à pátria com uma pretensa precisão milimétrica.

Sua imagem de militante e ser político pulsavam pela pátria inscrita em si desde o exterior, a anunciar o desejo de interior:

La imigracion ha absorbido mi vida. Pero qué ha sido para mi la emigracion? A los trabajos y ocupaciones de mi vida, pasada en el extranjero, toca dar la respuesta. Ellos dicen que nunca he estado más presente en mi país que cuando he vivido fuera de él. En efecto; pasando de Buenos Aires á la Banda Oriental empezó la vida que puedo llamar pública, en este sentido: que no se puede llamar privada la vida del escritor que, desde no importa qué residencia extranjera vive mezclado por sus escritos á la vida política y militante de su país. En ese primer período de mi vida no fui más patriota por el hecho de pasarlo en el suelo de mi país.⁹

Ler Alberdi é colocar-se para além de um posicionamento dicotômico e simplista. Ele é e está dentro e fora; construiu-se como dentro-fora porque fora é dentro;¹⁰ ali no hífen, no limiar da anunciação de uma passagem que não passa. Desde lá, o argentino afirmou-se como patriota, pois a vida foi sugada pela emigração forçada e passou a ser tão somente peregrinação, *ex*, deriva. Deriva pelo mar, transformado, como no romantismo europeu, em alegoria daquilo que deveria se domado e não temido. Cruzar o mar e enfrentar os desafios é reencontrar o paraíso perdido. Éden era o nome da embarcação que levou Alberdi a Europa e quase naufragou após uma tempestade.

sí su aspecto prevenía, a su favor, no prevenia menos su nome: se llamaba el Éden, y con alusion a su nombre llegava a la proa um serpentón alado y a popa dos muñecos vestidos como para ir al baño, en actitud de comer aquella manzana de nuestros pecados que nos há puesto en brega con la felicidad y nos há condenado a la muerte. A veces cuando el mar estaba muy calmo, he tenido momentos de distracción pasando de la quilla a la popa del Éden.¹¹

Cruzar suas ondas abertas, como diria mais à frente, e não julgar os erros das gerações passadas, é assumir o comando da embarcação, dar um rumo, domar a natureza. O barco, o Éden, é a imaginação da pátria porvir. Imaginar a nação implica em criar, em forjar uma identidade nacional a partir de uma construção ficcional,¹² não no sentido reducionista de farsa, mas sim numa continuidade discursiva a delinear materialidades do porvir. Materialidade da nação erguida pela força da linguagem, pelo escritos jornalísticos e jurídicos de Alberdi. Seu nacionalismo filológico¹³ construiu a nação como efeito arbitrário de artifícios legitimadores, de convenções que, por força, perseguem e desenharam uma identidade, uma visão idêntica de unidade. Há uma intimidade entre nacionalismo e exílio, pois nacionalismo é uma declaração de pertencimento a um lugar, a um povo, a uma herança.

Todos os nacionalismos têm suas fundações, suas *archés* figurativas calcadas em pais fundadores, marcos históricos, inimigos, textos básicos que compõem uma retórica definida na violência; um desenho quase religioso.¹⁴ Alberdi forneceu os textos jurídicos e as reflexões políticas para essa fundação, pelo menos o que resta do argentino são escritos que apontam nessa direção.

Em “Memória sobre a conveniência e objetos de um Congresso Geral Americano”, publicado, no periódico carioca *Ostensor Brasileiro*, Alberdi voltou a Simon Bolívar e teorizou sobre a necessidade de integração da América. Além do congresso realizado em 1828 no Panamá pelo “libertador”, outro foi realizado 10 anos mais tarde no México. Esses congressos tinham por premissa a integração dos países sul-americanos. Essa preocupação aparece anos mais tarde, em 1856, quando desde Paris, escreve ao amigo Gutiérrez.¹⁵ O texto de Alberdi no *Ostensor*, escrito em português, sugere que:

Huma moléstia social e política afflinge effectivamente os povos da América do Sul, desde que, dissolvido o antigo edifício de sua vida geral, trabalham e conspiram para o estabelecimento do que deve succeder-lhe. Todos reconhecem que as coisas são estão como deve ser: huma necessidade vaga de uma melhor ordem das coisas faz-se experimentar em todos os espíritos. Exuberante de juventude e força de vitalidade, dotado de huma compleição robusta e vigorosa o nosso povo abriga necessariamente a esperança de sua cura no mal de que se acha possuído. (...) Os povos desejam sahir d’este estado, e sem dúvida, senhores que tem razão. (...) A América, senhores, está mal feita, se me é permitido empregar esta expressão. É mister recompor seu mapa geográfico político. É um edifício velho, construído segundo um pensamento que já acabou. (...) Actualmente cada huma das divisões das nações independentes se ocupa da universalidade dos elementos sociaes, e trabalha segundo suas próprias inspirações e para si mesmo. N’esta nova occupação, n’este novo regimen de existência, nem sempre encontram adequado e commodo local e domicilio para desempenho de suas multiplicadas e variadas funções.¹⁶

A preocupação de Alberdi era refundar a América sob novas perspectivas, sob uma concepção unidade, já antevendo os problemas vindouros. No mesmo texto, o argentino indica que o Congresso deveria cuidar das questões de limites envolvendo a República Oriental, o Brasil, o Paraguai, a República do Prata e Bolívia numa antecipação dos problemas que acirraram o clima na região e que levariam os países a Guerra do Paraguai, anos mais tarde em 1864, Guerra do Chaco em 1932 e a do Pacífico no final do século XIX. Além dessa temática, era preciso construir tratados sobre os usos dos rios para criar uma “nação fluvial”, a criação de um banco e moeda comuns, universidades para pesquisas e

alavancar o trabalho científico, um Direito comum a todos os países do continente e toda uma sorte de necessidades das nascentes nações sul-americanas, mirando as bases das Europa e mais tarde dos Estados Unidos da América.¹⁷ Nessa teorização, Alberdi busca uma identidade específica a partir de categorias universais, mirando o outro como parâmetro e não como modelo a ser copiado. Esse empreendimento faz nascer aquilo que seria o *ser* próprio – ou o nome próprio – do nacional. Empreendimento que já havia aparecido em textos anteriores, como no “Discurso à Associação de Maio” ou em “Fragmento preliminar de Filosofia do Direito”, e que desejava construir uma ordem, uma *nomia* sob a força da lei, ganhando assim contornos de uma modernização autoritária. Suas linhas pulsam bio-política, seu nacionalismo filológico consolida-o como político-escritor a pensar a pátria e celebra-o como herói cultural. Em Alberdi funcionam dois universais: lei e educação.¹⁸ Determinado pela esfera pública e imbuído da missão salvadora, o argentino acreditava que

el pueblo es el oráculo sagrado del periodista, como del legislador y del gobernante. Faro inmortal y divino, él es nuestra musa, nuestro genio, nuestro crítico: él es todo, y todo para él há sido destinado. Pero el pueblo – y debe distinguirse esto con cuidado, porque es capital – el pueblo no interrogado en sus masas, no el pueblo multitud, el pueblo masa, el pueblo griego ni romano, sino el pueblo moderno de Europa y América, el pueblo escuchado en sus órganos inteligentes y legítimos: la ciencia y la virtud.¹⁹

Força e adestramento são outras formas de dizer lei e educação. Regenerar a Pátria passava pela instituição de leis claras e uma educação para o povo. Desfilam pelas linhas da revista *La Moda*, de 1838, toda uma noção de conduta do novo homem e da nova mulher centrados no primado de uma necessária civilidade. Assim como urgia formar um público atento às novas produções literárias nacionais, uma esfera pública capaz de concatenar os traços dispersos de uma textualidade da nação. Era preciso fazer reverberar esta textualidade, formar leitores (e talvez leitores de seus textos). No artigo intitulado *Las cartas*,²⁰ Alberdi apontou a resistência do povo em geral em ler e escrever. Lembrou que Inglaterra e Estados Unidos são expoentes máximos do progresso e da civilização e que seus bons hábitos sociais se traduzem, principalmente, pelo fato de enviar cartas e fazer visitas. Boa conduta que faltaria aos habitantes da América e caberia a sua geração, herdeira dos “bravos” combatentes da Revolução de *Mayo*, a tarefa de concluir o projeto iniciado em 1810, ou seja, educar e civilizar o povo, criar a nação, promover a revolução cultural.

A respeitada Mariquita Sánchez encontrou em Alberdi, seu amigo e interlocutor, o modelo de escritor e homem público que deseja ao seu filho Juan Thompson, quando o

aconselha a ter raciocínio e habilidade sem seus escritos jornalísticos.²¹ Nas cartas a Juan ou nas ponderações elogiosas escritas a Alberdi, Mariquita expressou a maneira como ela entendia que o escritor público devesse ser. Esse entusiasmo surgiu a partir das leituras de uma série de cartas públicas de Alberdi que vêm a público entre os meses de novembro de 1852 e março de 1853, logo após a queda de Rosas. As *Cartas sobre la prensa y la política militante de la República Argentina*, ou simplesmente *Cartas Quillotanas*,²² expressam as preocupações do legislador com o novo cenário político, os novos direcionamentos no campo intelectual, suas intervenções na esfera pública e problemas políticos a ser enfrentados pela República Argentina.²³ Alberdi desenvolveu um corpo de condutas desse novo tempo tão esperado pela geração liberal:

El escritor liberal que repitiese hoy el tono, los médios, los tópicos, que empleaba en tiempo de Rosas, se llevaria chasco, quedaria aislado y sólo escribiria para no ser leído. Por más de diez años la política argentina ha perdido a la prensa una sola cosa: guerra al tirano Rosas. Eso pidió al soldado, al publicista, al escritor porque eso contribuía el bien supremo de la República Argentina por entonces. Esa experiencia de guerra ha servida por muchos, Vd. es un de ellos, no el único. Una generación entera de hombres jóvenes se ha consumida en esa lucha. Por diez años vd. ha sido un soldado de la prensa, un escritor de guerra, de combate. (...) Por fin, ha concluido la guerra por la caída de tirano Rosas y la política ha dejado de pedir la prensa una polémica que ya no tiene objeto. Hoy le pide la paz, la Constitución, la verdad práctica de lo que antes era una esperanza. Eso pide al publicista, al ciudadano, al escritor.²⁴

A partir desses escritos e principalmente com a resposta de Sarmiento, também escrita na forma de carta e compilada com o sugestivo título de *Las Ciento y Una*, inaugurou-se umas das principais polémicas intelectuais e políticas da Argentina no século XIX. Polêmica que levaria Alberdi para seu definitivo desterro em Paris. Mariquita tomou partido em favor de Alberdi, o exemplo de “hombre público”, como confessou nesta carta sem data:

Ud. es el joven que a mi juicio ha utilizado mejor su tiempo y ha unido a estos los sentimientos nobles del corazón. Ud. ha desarmado a sus enemigos con dulzura y ha triunfado con las armas de la razón e la moderación. Quisera que fuera Ud. el modelo para nuestras prensas llenas de personalidades groseras. Sus cartas me han encontrado.²⁵

Mariquita celebrou as ponderações de Alberdi por serem expressas com razão e doçura, por aproveitar ao máximo o tempo, ensinando com o próprio exemplo, transformando-o em paradigma desse novo tempo sem espaço para ódios e exaltações.

Alberdi parece incorporar as virtudes aristotélicas apresentadas em *Ética a Nicômaco*. As virtudes morais deveriam vir acompanhadas da moderação das paixões, da destreza das ações, nos meios em que o sujeito estiver imerso. Um homem de virtudes seria aquele que tem por hábito o controle dos apetites e da alma e submete-os aos ditames da razão no momento de agir na comunidade. Isso seria o justo meio que é, para Aristóteles, o objeto da virtude moral, o ponto de adestramento ou disciplina que põe o homem em plena harmonia com seu *ergon*, com a reta razão.²⁶ Alberdi parecia carregar a principal marca de um homem público, de um legislador: a temperança. Ela é uma virtude da parte irracional da alma e a prudência é a virtude da excelência de deliberar e desvelar como determinadas circunstâncias devem ser atendidas, com base na sua experiência e conhecimento acerca do que é bom e elevado para o homem. E mais: para que se vise a uma boa ação é necessário ter um bom caráter e desejar o que é bom e nobre.²⁷ Com prudências, coragem, temperança e controle da *hybris*, Alberdi constrói-se e é construído como o próprio emblema da razão, da civilização, do homem de imprensa. A temperança é necessária para tingir a excelência humana e nesse caso da nação a ser construída após a queda de Rosas. O comedimento das intervenções e o bom uso da razão deveriam ser observados por todos aqueles combatentes de outrora. Alberdi é o elo, como diria Aristóteles, entre temperança, caráter e prudência no momento da ação deliberada. O argentino separa virtude e vício a atribui a potência do não, o gesto de não agir, como primado de um homem virtuoso; aquele que, por nobreza, teria a possibilidade da decisão.

Em carta a Alberdi, datada de 1856, Mariquita condenava os excessos e vícios que ainda permeiam a imprensa montevideana, principalmente por conta de notícias falsas com o único intento de vender mais periódicos. Denuncia o que para ela são leviandades de Sarmiento em suas críticas dirigidas ao general Justo José Urquiza, caudilho que saiu vitorioso da Batalha de Monte Caseros e tornou-se presidente da Argentina. É, contudo, por conta da linguagem belicosa e grosseira utilizada por Sarmiento, que vai colocar Mariquitas nas trincheiras de Alberdi: “Ya sabe Ud. el lenguaje de Sarmiento cuando se enoja. Decía en una reunión: ‘ya que han podido educar las criaturas educar las criaturas, vamos a educar ese burro de Peña’. Ya vê que es fino ese maestro”.²⁸ A ironia de Mariquita não só demonstrava o desdém com relação ao linguajar de Sarmiento, como também via em Alberdi o modelo a ser seguido. Alberdi já havia criticado Sarmiento em 1853 ao acusá-lo de mercenário por escrever apenas por dinheiro; posicionando-se, dessa forma, como aquele que se coloca a serviço do bem público, da pátria.²⁹

Escribo hoy por el móvil que excita mi pluma de oposición a la tiranía, de doce años a esta parte, y no por sueldos, por subvenciones y contractos de género que ahora examinaré. Escribo para realizar el pensamiento y los propósitos de un círculo de argentinos ilustrados y patriotas, al tengo honor de pertenecer. Movidos por el patriotismo, que los hizo abandonar su pátria, esclavizada hace largos años, han reunido sus esfuerzos el día de la emancipación para apoyar desde la distancia la grande obra de su organización iniciada por el que destruyó el poder de Rosas. Mis escritos son la expresión leal de sus votos, pó eso los apoyon; no son el eco de mi egoísmo. (...) escribo no para ganar sino para regalar a los editores los escritos que consagro a la pátria.³⁰

Juan Bautista Alberdi transformou-se em dispositivo de leitura de uma nação porvir. Seu exemplo é paradigma constituinte da moldura nacional na medida em que seus escritos são um pacto identitário entre o “eu” e a nação. Desde as *Confissões*, de Rousseau, houve um aumento significativo de narrativas autobiográficas e nacionais, que ganharam contornos de um culto ao individualismo presente na escrita de cartas pessoais, romances epistolares, intervenções políticas a partir de cartas.³¹ Nelas, o indivíduo criou consciência de si e assumiu uma subjetividade, na medida em que sua escrita é também construção de uma imagem de si, de um “eu” que se deseja: o ser é ser-na-escrita. Nas centenas de cartas, obras jurídicas e artigos escritos durante seus exílios, Alberdi praticou o que poderíamos chamar de *ascese*.³² Desde Pitágoras e Sócrates, ela é entendida como adestramento de si por si mesmo e exercida através de abstinências, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncios, escuta do outro, ponderações, controle dos vícios e subjugação das ações à razão. A correta seleção das palavras em seu uso público tinha um caráter que dissesse e ensinasse algo sobre virtudes na vida pública, sobre moral. Poderíamos traduzir esse gesto como uma bio-política de si, como um desejo de tornar-se monumento, de marco referencial e fundacional da nação. Era o que Schiller chamava de o homem cultivado, pois faz da natureza sua amiga e da honra sua liberdade, na medida em que coloca rédeas em seu arbítrio, opondo-se ao homem, ao selvagem e ao bárbaro.³³ Alberdi via-se como a superação da Argentina que nasceria. Sua escrita funda uma das faces do ser-argentino, que não seria nem o indígena (selvagem), tampouco o *gaucho* (bárbaro).

Seu desejo fundacional passa por estabelecer bases sólidas para a nação. Foi durante seu exílio chileno que produziu o que talvez sejam suas obras mais significativas: *Acción de la Europa em América*, de 1842, e *Bases y puntos de partida para la organización de la República Argentina*. Imagina em ambas uma *arché* fundante capaz de introduzir o país na corrente da modernidade. Para efetivação desse projeto era preciso não só criar hábitos civilizados, como também instituir o poder em todo território. Nesses textos Alberdi

desacredita da capacidade da população autóctone de desenvolver esses hábitos e apresenta a Argentina como vazia de civilização. Para suprir essa cartografia indomável seria preciso mais que importar hábitos europeus. Era preciso incentivar a imigração e eliminar todos indígenas Para Alberdi,

Povoar é civilizar quando se faz com gente civilizada, isto é, com populações da Europa civilizada. Por isso disse na constituição que o governo deve fomentar a imigração européia. Povoar, porém, não é civilizar, senão embrutecer, quando se povoa com *chinos* e com *índios* da Ásia e com negros da África. Povoar é emprestar, corromper, degenerar, envenenar um país, quando, em vez de servir-se da flor da população trabalhadora da Europa, se povoa com o lixo da Europa atrasada e menos culta.³⁴

Para o argentino, cada imigrante europeu traria mais civilização inscrita no corpo e nos hábitos, do que a maioria dos livros e manuais. Ao privilegiar os hábitos em detrimento de um projeto educacional, nos moldes daquele defendido por Sarmineto, Alberdi mostra uma característica que jamais perderia nos anos de vida pública: seu desvio anti-intelectualista. Para ele, os costumes não são modificados através da instituição letrada formal, mas sim a partir do contato com outros hábitos realmente existentes, segundo a lógica de Rousseau da educação pelas coisas.³⁵ Alberdi confiava na pedagogia das coisas, nos civilizados hábitos dos estrangeiros europeus para fundar um novo *ethos*, uma nova configuração dos sujeitos e, assim, salvar a nação das garras da barbárie. Para que o transplante imigratório fosse exitoso, seria preciso adequação das leis, propondo aos imigrantes dupla nacionalidade, liberdade de culto, vantajosos tratados com a Europa, estradas de ferro, livre navegação e liberdade comercial.³⁶ Alberdi é uma das faces das fantasmagoras autoritárias do século XIX. Suas intervenções traduzem a potência bio-política de gestionar a vida, os processos biológicos, as maneiras de ser e viver, sob o pretexto de melhorar a vida em sociedade.³⁷ O que se observa em Alberdi é um nítido desejo de vigiar, esquadrihar, separar a partir de táticas disciplinares a formar um corpo individual e social imaginado como ideal. No controle e suspensão de direitos políticos do povo, pois o povo é “desgraciado y se contempla con la sangre fría”³⁸ o indivíduo é alvo dos ditames de uma elite autoritária e envolta da capa bio-política. Nesse sentido o espaço político contemporâneo não é mais a cidade idealizada, a *polis* erguida pela racionalidade da lei e da norma, como se pensou ser Buenos Aires, mas o campo de concentração, cuja a marca é a ausência de lei, a *anomia*, onde a *bios* se transforma em *zoé*.³⁹ No lugar de cidadão, há o ser desprovido de qualquer amparo legal. Aquele cuja vida é não-vida e seu *status* é marcado pela biologia, pela animalidade. Os habitantes foram

despojados de todo estatuto político e reduzidos a vida nua. O estado de exceção é, pois, uma norma.⁴⁰ Os escritos de Alberdi anunciam uma maquinaria de violência no gesto de fundar a nação. A verdade da origem é catástrofe e todo gesto político de ativá-la, na chave política ou no campo da formação de uma Literatura Nacional, é reelaborar, é arquivar o lamento da ausência. Toda fundação é passagem, é contingente, é jogo.

Outro viés relevante nas obras escritas no Chile (e acompanhado o raciocínio anterior) é a necessidade, apontada por Alberdi, da instituição de um governo forte na Argentina, pois todos os problemas desde 1810 residiam na incapacidade de se formar uma autoridade, um poder legítimo. Seguidor de Tocqueville, o argentino preferia um despotismo político efetivado por ilustrados, a uma ditadura social como a vivida nos tempos de Rosas. Provavelmente *Bases* teve o contexto chileno como inspiração, onde o Estado era centralizado, forte e controlado por uma elite ilustrada. Desde a independência, o Estado chileno foi o grande organizador do processo de construção nacional, preocupando-se com o território, com a organização de censos de população. Além disso, o processo disciplinador e moralizador do baixo povo, como era chamado o mundo popular, era uma verdade obsessão da classe dirigente.⁴¹ Todo um jogo de normas, condutas e cálculos foram armados pela elite dita ilustrada. No Chile, Alberdi também aprendeu e presenciou as posturas liberais do presidente Manuel Bulnes como grande incentivador da liberdade de imprensa, dos debates ideológicos e políticos. As trocas, o progresso, as discussões eram armadas através da argumentação pública e publicadas em diários, revistas e jornais. Essa era a razão fundamental da imprensa naquela época, constituindo-se como terreno fértil para chilenos e exilados argentinos apresentarem e debaterem suas idéias. Na margem de cá do Prata, na cidade oriental, ou no lado de lá dos Andes, Alberdi fez-se como o nome próprio da esfera pública, do político comprometido com a pátria, do legislador a pensar a nação sendo fiel ao exílio, portanto à liberdade. Ele é um documento de cultura, de civilização, por isso é barbárie e catástrofe; é também o nome próprio do horror que se converteu a modernidade.

Echeverría ou a dor do tempo

Se Alberdi fabrica-se como emblema da razão ocidental, como homem público que só pode pensar no exílio, Echeverría escreveu-se como vítima e, por isso, como profeta. Em *Páginas Autobiográficas*, compilação de cartas trocadas por Esteban Echeverría com outros ou exilados, o poeta escreve que:

Salir de su país violentamente, sin quererlo, sin haberlo pensado, sin más objeto que salvarse de las garras de la tiranía, dejado a su familia, a sus amigos bajo el poder de ella, y lo que es más, la Patria despedazada y ensangrentada por una gavilla de asesinos, es un verdadero suplicio, un tormento que nadie puede sentir, haberlo por sí mismo experimentado. Y donde vamos cuando emigramos? No lo sabemos. A golpear puertas al extranjero; a pedirle hospitalidad, buscar unos patria en corazones que no pueden comprender la situación del nuestro, ni tampoco interesarse por un infortunio que desconocen y que miran tan remoto para ellos como la muerte. La emigración es la muerte: morimos para nuestros allegados, morimos para la Patria, puesto que nada podemos hacer por ellos.⁴²

A condição de *ex-patriado* marcou indelevelmente os escritos dessa geração. Miraram a pátria desde a outra margem, de fora; na fronteira. De maneira particular, a escrita de Echeverría é marcada por esta condição, pela da emigração imposta. Uma espécie de Romeu shakespeariano que morre ao emigrar de sua pátria. Pátria esta que se infla e se enxerga desde o exílio. Os contornos da nação não estavam definidos antes da deportação.⁴³ Assim podemos dizer que não só a constituição de si é manejada na exterioridade, os discursos de nação, a teia de textualidades a congregar os retalhos que constituirão o real da nação, sua moldura homogeneizante, compõem-se desde fora. É de lá que os contornos da guerra cultural definirão fronteiras, inimigos e identidades. Do exílio, Echeverría construiu-se, subjetivou-se, como um herói romântico; um *Ángel Caído*⁴⁴ disposto a enfrentar o ‘mal’, a barbárie em nome de uma ‘missão’, em nome da ‘pátria’:

Hablemos ahora del Ángel Caído. Sé que cuando esta segunda parte se publique, sublevará censuras de todo género, que en cada línea se encontrará una alusión maligna, una sátira. Nada me importa [...] El hombre que se siente con la fuerza de realizar una misión debe levantarse alto.⁴⁵

Um Prometeu que rouba dos deuses e aceita a dor como destino em prol da humanidade. Levantam-se ao alto e almeja uma vida externa. Num trecho de *Peregrinação de Childe Harold*, Byron indaga sobre a vida solitária e o poder da poesia:

Pois o que é a poesia se não criar
Do intenso sentimento, o Bem e o Mal, e almejar
Uma vida externa para além do nosso destino,
E ser o novo prometeu de um novo homem,
Dar o fogo ao céu e, depois, tarde demais,
Ver o prazer oferecido pago com dor.⁴⁶

Echeverría provou o fruto proibido. Na quimérica inocência de sua alma fez-se anjo salvador. Anjo que caí para salvar a humanidade; enfrenta violências antes desconhecidas, paixões e sentimentos mundanos.⁴⁷ Frágeis, suas asas quebradas lhe apresentam o destino irrefutável: de seguir seu caminho abissal de amor pela virtude, pela pátria desgraçada pelas mãos impuras. A escrita-vida do poeta seria uma obra de salvação, ao mesmo tempo em que é imperativo angélico da própria criação. O poeta-profeta é um anjo impelido à ação e marca em sua carne a exigência criadora. O anjo é o mensageiro, o intermediário do divino na terra, do alto no baixo. Diluí sua face universal no singular.⁴⁸ É o guardião da identidade que se forja nas linhas imaginadas pela geração de 1837, da nascente narrativa nacional a concretizar o projeto da Revolução de *Mayo*; e ele é também resistência à ruína, a imagem bárbara a contaminar e corromper o futuro. Toda imagem é uma composição, uma elaboração, uma criação. A nação desejada apresenta seus inimigos, seus outros. A identidade do anjo protetor, do poeta salvador é uma alteridade do movimento. Echeverría é anjo que se faz humano, que se junta aos subjugados para conduzi-los ao amanhecer no paraíso. Catalisador da experiência de ruptura, o anjo busca na sua redenção, a salvação da nação; ou nas palavras do poeta argentino, sua regeneração. Promove uma locomoção de fragmentos e encontra no mundo a concessão de um refugio a ser reelaborado e abre-se para o amanhecer.⁴⁹

Como Byron, Echeverría trilhou um caminho para libertar-se daquilo que vários autores chamaram de mimese do espelho e flutuar em suas invenções poéticas. De maneira mais eloqüente, Shelley disse que apenas “Deus e o poeta merecem o nome de criador”.⁵⁰ Num messianismo nem um pouco disfarçado, os artistas românticos viam-se como portadores de um “gênio”, senhores de um domínio superior e livre das teias mundanas. A solidão inventada pelo poeta argentino no ato criativo da palavra-vida, da palavra traumatizada e exilada estanca-se em si própria. São heterotopias sempre a passar. Echeverría está nessa passagem, nesse fora onde se desenrola a erosão da vida; o espaço que corrói, que sulca, que cria e é criado.⁵¹ Sua escrita é um ritual de inauguração, uma abertura ao reino dos sentimentos onde sua vida desgraçada se refunda como excepcional. Sua liderança espiritual, não reconhecida por Sarmiento, está revestida por um tipo romântico a legitimar-se pela dor, pela melancolia e tormento. Assim como De Stäel, Echeverría acreditava na produtividade da dor, no sentimento de que o destino humano é tragicamente inconcluso e sustenta os grandes feitos e as grandes obras da humanidade⁵². Somente a dor pode ativar o espaço sagrado da imaginação e da razão. O argentino, assim como Lamartine ou Byron, encarnava a potência nômade da humanidade, da constata busca pela terra prometida, por Ítaca. Sua sombra deslizava em sua errância desterritorializada. O desaparecimento, a perda de direção e senso

de origem estão presentes em toda literatura romântica. O melancólico vaga entre o desencantamento e o reencantamento que se retroalimentam. É desconhecimento do *topos* e do *telos* que a desestruturação do exílio provoca que vai ativar a ambição política, que impulsionar o “homem” na busca do seu destino. Enquanto ele não vem, seu manto obscurecido pela dor narra o lamento e as maldições de uma travessia que para o argentino não teria fim.

Errantes y proscritos andamos como la prole de Israel en busca de la tierra prometida. He aquí la herencia que nos há caído en suerte: oscuridad, humillación, servidumbre (...) Raza de maldición, parecemos destinados por una ley injusta a sufrir el castigo de los crímenes y errores de la generación que nos dio el ser.⁵³

A insatisfação e o sentimento de originalidade são parte constituinte da *persona* dos escritores que compuseram uma auto-imagem de herói romântico.⁵⁴ O sentimento de carência, de falta, de seqüestro está na base da melancolia moderna e, por conseguinte, na origem da intervenção no cenário público. A idéia de perda ou privação, o rasgo provocado pelo déspota-soberano, a encarnação de todos os males na terra, Juan Manoel de Rosas, é alimento para construção dessa lacuna temporal: a nação. A dor da alma carrega uma dimensão social, a potência revolucionária da alvorada no deserto, porque ela é busca, deslocamento, encontro com a insatisfação. Echeverría é dor que se despedaça, que se fragmenta. Fragmentos contaminados que vão compor arbitrariamente e violentamente a nação. Assim como Juan Maria Gutierrez, amigo e companheiro geracional, que recolheu os textos inacabados, os fragmentos autobiográficos e os compilou, dando-se uma moldura, um ordenamento, uma *nomia*, a nação é resultado de uma intervenção autoritária. Mais que uma comunidade imaginada, a nação é uma comunidade traumatizada; tão traumatizada quando o ato testemunhal de Echeverría narrar um “eu” melancólico e aprisionado. A construção de uma imagem nacional confunde-se com gesto de contar-se em primeira pessoa, de compor um eu lírico e ficcional, presente, entre outros espaços, nas inúmeras cartas. Ali o poeta extravasar seus sentimentos, onde pode provar a todos os seus interlocutores o quão excepcional eram suas virtudes. Sonha sua vida e a transforma na imagem da perfeição superior.

Diderot, filósofo da desrazão, em pleno auge do Iluminismo, o detonava com um estilo muito próprio: ele escrevia por cartas. A carta é o gênero da intimidade, da espontaneidade, da liberdade na disposição de idéias, enfim, da digressão. Como o próprio autor assevera a seu editor, numa carta quase tudo é permitido: a aparente confusão de assuntos “não é defeito”. E diz Diderot: “essa reflexão senhora, leva-me a outra, um tanto

distante da matéria que aqui trato; mas numa carta, os desvios são permitidos, sobretudo quando podem conduzir a perspectivas úteis”.⁵⁵ Nas cartas de Echeverría é o coração que organiza a racionalidade, as idéias. Sua sensibilidade é dispositivo para ler o mundo e transformá-lo.

Mi corazón es el foco de todos mis padecimientos: allí chupa mi sangre y se ceba el dolor; allí está asida la congojaque echa una fúnebre mortaja sobre el universo; allí es fastidio, la saciedad, la hiel, de la amargura que envenena todo cuanto toca; allí los deseos impetuosos; allí, en fin, el punto céntrico sobre que gravitan todos mis afectos, ideas y sensaciones (...) Mi corazón está enfermo, y él solo absorbe casi toda vitalidad de mis organos.⁵⁶

Em outra folha solta, afirma que seu coração é o único órgão dominante de seu desfalecido corpo. É ele que possui as raias de todos os desígnios e afetos a ordenar as feições de um léxico em desenvolvimento. No excesso de sentido que carrega o fragmento de escritura de força e de potência constitutiva, Echeverría imagina o poeta-político que deseja ser. Convencido de que é das experiências da alma o “sufrir en silencio mi martírio”,⁵⁷ que nasce a poesia, a escreve em rima e prosa desde a exterioridade, desde o fora para relacionar público e privado que se embicam na extremidade nublada da nação por vir. Lá no confim do ser, onde seu coração pulsa pela pátria abandonada e banhada pelo sangue; lá onde seu coração é dolorido, ulcerado e gangrenado, sua respiração cessa e chama pelo deus ausente: “oh tu, Dios mío!...Blasfemia! Cerradas están las puertas del cielo para el...”.⁵⁸ As reticências anunciam a fadiga e fazem as palavras dançarem na ritmicidade de uma tragédia romântica de um tempo que converge para eternidade da dor. Dor que é desejo e é desejada. Dor esta que também é a salvação pelo instante a cintilar como força revolucionária: o poeta dá seu corpo em sacrifício pelo amanhecer regenerado da pátria. Sua alma, como a nação, estaria dilacerada pelo obscuro enigma da culpa e inocência de seus antepassados por não concluírem o projeto de *Mayo*, bem como a crueldade e misericórdia de Deus. A realidade precisaria ser redimida e só o será com a perda da vida.⁵⁹ A salvação dar-se-á pelo abandono e pela queda que também é simulacro da destrutividade. Para Echeverría nada mais interessava, tanto que faz uma confissão:

Mucho tiempo hace que no tengo ambición de gloria individual, porque considero tan poca cosa entre nosotros que no merece tomarse el menor trabajo para conseguirla. Si alguna ambición puedo abrigar es la de ser útil a mi país...⁶⁰

Fugitivo, transeunte, nômade, habitante de seu coração, o argentino era também militante na acepção crua dessa terminologia; não só antirosista, ou defensor de um novo partido, mas também um militante do romantismo. Talvez o romantismo encanasse todos os desejos de Echeverría: derrubar Rosas, findar o que chamou de barbárie, construir a nação a partir do novo. A nova estética teria como fundamento a originalidade nacional para a fundação de uma cultura na região do Rio da Prata, assim como uma originalidade de temperamento, de postura, defendida no espaço belicoso e resvalante da pluma. Afirma que o espírito do século levava todos a nações a emanciparem-se e a gozarem de sua independência, não apenas política, mas também filosófica e literária, pois sua glória reside na liberdade, no espontâneo exercício de todas suas qualidades morais, bem como na originalidade de seus artistas.⁶¹ No texto *Clasicismo y Romanticismo*, Echeverría defende que todo artista romântico é original e revolucionário, sua arte não imita, tampouco copia. Ela busca suas próprias cores, pensamentos e formas, desenvolve sua própria religião. Contemporâneo de Heinrich Heine e a escritura de *A Escola Romântica*, em 1833, o argentino acreditava que o poeta romântico segue “melancólico en busca como el peregrino, de una tierra desconocida, de su país natal, del cual según su creencia fué proscripto y a El peregrino por la tierra llegará un día”.⁶² Para isso o poeta de si e da nação, o visionário do amanhã, teria de cantar, assim como Lamartine, a tão desejada liberdade. Os textos de Echeverría são exercícios de união da lírica romântica, com o romantismo social. Escrever era, ao mesmo tempo, o único alívio em dias de amargura, assim como a maneira de mostrar os interesses sociais que movem a nova cultura intelectual do Prata.⁶³

Para que la poesia pueda llenar dignamente su misión profética; para que pueda obrar sobre las masas y ser un poderoso elemento social, y no como hasta ahora aquí un pensamiento fútil, y, cuando más, agradable, es necesario que la poesia sea bella, grande, sublime y se manifieste bajo formas colosales.⁶⁴

Vestido com o manto sacerdotal dessa missão profética e desejoso de alimentar o mito de si, a potência criadora de um “eu”, o argentino anuncia em carta enviada a seu amigo Juan María Gutierrez que fará um trabalho de balanço da produção intelectual de sua geração desde o ano de 1837.⁶⁵ Ano que aos poucos ia ganhando contornos de uma gênese teológica, um elo simbólico daqueles se sentiam convocados a exercer sua vocação de pensador e construir uma alternativa fora das disputas entre federais e unitários; pelo menos aos olhos de Echeverría. Em 1844, ainda no exílio na sitiada Montevideú, o argentino começa a escrever

sua *Ojeada Retrospectiva Sobre el Movimiento Intelectual en el Plata Desde Año de 37*.⁶⁶ O texto muda o projeto inicial da Joven Argentina e, segundo José Ingenieros⁶⁷, foi o último suspiro, o último documento ideológico daquela geração. Talvez isso explique o tom ufanista e mais melancólico das primeiras linhas:

MARTIRES SUBLIMES! A vosotros dedico estas páginas inspiradas por el amor la Pátria, única ofrenda que puedo hacer em el destierro; quero engrandecerlas, santificarlas al frente de ellas vuestro venerable nombre. Envidio vuestro destino. Yo he gastado la vida en los cambates estériles del alma convulsionada por el dolor, la duda y la decepción; vosotros se las disteis toda entera a la Pátria. Conquistasteis la palma del martírio, corona imperecedera moriendo por ella, y estareis ahora gozando en recompensa de una vida toda de espíritu y de amor inefable.⁶⁸

A dor do exílio, do sangue derramada, das palavras mudas⁶⁹ e da sensação de que o amanhã jamais chegará tornam os últimos anos de Echeverría carregados de uma dor qual não cabia mais em sua já dilacerada alma. A saúde já lhe falta. E assim como os românticos do final do século XIX os pulmões são as portas da eternidade. Em 13 de fevereiro de 1846, ele escreve uma carta a Andrés Lamas dizendo que:

Tengo casi por cierto que me faltará vida para concluir los demás trabajos empezados (...) Conozco, siento que esta vida que he deshilvanado, se me va. Me ha faltado estímulo y, sobre todo, reposo de ánimo. Ahora que mi sangre empieza a detenerse, me falta la salud...

Nada lhe restara – pelo menos quis que a eternidade assim o visse. Numa de suas últimas cartas, 1849, disse a Alberdi que política já lhe dava náuseas. A poesia já não mais fazia sentido. O sangue celebrava o horror e o cansaço substituía a criação. E assim o poeta calava-se porque era impossível dizer. Sua obra-vida acumulava-se como escombros junto aos mortos de outrora. Catástrofe da modernidade porvir. Suas últimas cartas fazem o corpo rastejar até o eterno.

Talvez por encarnar a dor daquele tempo, sua poesia seja celebrada como gesto fundacional de uma literatura que se quer nacional, de uma *arché* ordenadora; como documento da cultura argentina. Contudo, se ele é um documento de cultura, é também um documento de barbárie. A nação é armada a partir da violência política típica de uma modernidade homogeneizante. Nesse sentido podemos afirmar que não foi a modernidade que colocou a questão política de defender a sociedade, mas foi, pelo contrário, a idéia de salvar a

vida que produziu a modernidade como conjunto de relatos salvacionistas, com perspectiva transcendente de matriz teológica. O exílio e as molduras da nação são vestígios da guerra. Guerra sem lados: Echeverría e Rosas são faces da vida nua. Vida que se abre e desenha com sangue as fronteiras dos mundos. Como seus contemporâneos europeus e americanos, o poeta sonhou o amanhã, sonhou a pátria regenerada e livre das mãos daquele que por muitas vezes chamou de tirano e inimigo. E esse dia chegou: Rosas foi derrotado na batalha de Monte Caseros em 1852. Contudo, Echeverría morreu em 19 de fevereiro de 1851, e foi sepultado no cemitério da Matriz em Montevidéu. Porém este não foi seu último desterro. Seus restos se perderam em definitivo um ano mais tarde após serem, inexplicavelmente, removidos. Desde então, seu fantasma, ainda que silenciosamente, paira sobre os escombros da potência biopolítica dos Estados da América Latina. No limiar da vida, há apenas os vestígios da exterioridade que não cessam em vir. Echeverría é um anjo sem asas, mas que ainda mantém seus olhos, melancolicamente, arregalados a fitar a catástrofe da modernidade.

Mariquita ou o entre-lugar da vida

Mariquita Sanchez também encontrou seu desterro na escrita, na atividade intelectual, cultural e política. Encontrou a grandeza em sua própria vida. Seu diário e principalmente suas cartas constroem uma mulher forte, ilustrada e, melancolicamente, dramatizam sua condição duplamente exilada: fora do seu país em razão dos seus posicionamentos políticos e fora dos padrões do comportamento de mulher. Interlocutora dos jovens revolucionários, ganhava respeito e admiração, principalmente de amigos mais próximos como Gutiérrez e Sarmiento, embora rompa com ele depois da de 1852, aproximando-se mais de Alberdi. Mariquita Sanchez construiu uma auto-imagem e refletiu sobre a condição feminina. Na verdade, sobre a condição de mulher ilustrada num mundo dominado por homens. Condição “imóvel na singularidade da norma ou do mito” ela gira “fantasmática e esplêndida, em torno do limiar de uma vida que se encontra para sempre exilada”.⁷⁰ A cada palavra, a dor. A cada pausa, um suspiro enfraquecido de ser quem se é. Mas que renova as forças, renova a luta na mesma superfície desse ser:

Estoy cansada de lo que veo y sé. Quisiera ignorar todo, vivir en una choza abandonada al destino, y mi destino bizarro me pone siempre al corriente de tantas cosas que me afligen sin poderlas remediar. Mucho he envidiado las mujeres que no pasan de cierta altura, que no comprenden sino lo que pasa en la esfera donde tienen que vivir, para las, que mil goces fáciles de adquirir y que sospechan las penas que se sienten en otras. La elevación de

las ideas ya sabes cuánto cuesta lo mejor que lee puede a uno suceder es que lo tomen por extravagante si es hombre y por pedante si es mujer.⁷¹

Nesse pequeno trecho percorrem signos da transgressão, da potência de ser além, de cruzar a zona fronteira da mulher simplesmente leitora.⁷² Narrar-se é um ato político. Esse tipo de escrita pode auxiliar a construir uma cultura de si e estabelecê-la como exercício de auto-reflexão. A capacidade de refletir sobre o que fazemos, em especial sobre o que fazemos de nós mesmos ou o que deixamos fazer conosco é atributo de uma certa condição humana e ela se dá pela linguagem como possibilidade de constante re-invenção do eu. A experiência da escrita é um exercício de transformação desse ser; através dela organizamos o pensamento, reafirmamos e transformamos conceitos. A escrita de Mariquita Sanchez ganha contornos de um desejo autobiográfico, de uma certa literatura de si. Ela tematizou sua existência, narrou seu drama de viver na fronteira, no limiar, no confim. Marcou politicamente sua geração ao afirma-se como ser pensante, como mulher ilustrada. Contribuiu de maneira direta para formação intelectual de Juan Maria Gutiérrez e Esteban Echeverría. Muitas mulheres miravam Mariquita Sanchez e a transformavam em inspiração. Sua coragem e bravura fascinaram algumas de suas contemporâneas. Pediam-lhe conselhos, opiniões. Manoela Gómez de Calzadilla, por exemplo, escreve a sua amiga lamentando-se das possibilidades proporcionadas à mulher:

Cuando yo recuerdo lo que puedo, lo que nos han enseñado, generalmente hablando, y observo a presente cuanto se he debilitado. La idea de hacernos progresar, me muero de pena, porque es para mi un principio, que las sociedades se ilustrarían mas pronto se el cultivo de la razón fuera simultáneo en ambos los sexos. (...) espero que cuando tengas un lugarcito me des tu opinión sobre esto.⁷³

A potência de ser, o ato político de Mariquita Sanchez no espaço belicoso da pluma, ganha um contorno binocular. Ela passa a ser a lente interpretativa de uma certa cotidianidade marcada pela tensão. Sua opinião é definidora; uma bandeira. A escrita permite a transgressão e reconstrói simbolicamente o lugar privilegiado na vida política; brinda o risco constante de viver e refletir sobre si na exterioridade. Reflexão que ganha contornos dramáticos numa carta enviada a Juan Maria Gutiérrez. Nela, Mariquita faz uma revelação e expressa um desejo nunca antes declarado nas inúmeras correspondências trocadas com amigos e familiares. Um

sussurro de uma mulher cansada e sabedora da sua posição frente aos compatriotas. Comentando a edição de um livro, ela assim diz:

Yo tenía mil deseos de escribirle hace días para felicitarlo por la idea de su obra; pero no tenía con quien mandar la carta. Qué simpatías tenemos! Yo habría pensado y deseado hacer esa obra, es decir, hubiera querido hacerla, y para consolarme de mi impotencia me decía: y quien la leerá?⁷⁴

A pergunta final ganha um tom lamentoso, como se Mariquita não coubesse mais nela mesma, como se não suportasse a dor de ser quem se é. Ser mulher escritora já era algo de extraordinário, publicar um livro então se configurava num empreendimento sem precedentes, numa ousadia tamanha que esbarrava na ausência de um público leitor interessado nos escritos de uma mulher. Mariquita não publicou nada em vida, mesmo assim fez circular suas cartas. Cartas e diários que se projetavam a um único destinatário, um leitor particular e específico. A pergunta final ativa o fantasma de ser escritora sem público no século XIX. Fantasma este que parece ter assombrado àquelas mulheres que romperam a barreira da impossibilidade erguida para sua condição de gênero. De dispositivo, Mariquita funciona como sintoma daquilo que estava porvir, como potência do sim. Em janeiro de 1852, outra argentina exilada no Rio de Janeiro funda o primeiro jornal destinado às mulheres. Juana Manso é uma das editoras do *Jornal das Senhoras*, que já em seu primeiro número trazia o questionamento sobre o que “distintas senhoras” teriam a dizer. Defendia que as mulheres não deveriam aprender apenas boa maneiras, piano e bordado e que os homens não eram seus proprietários. Mesmo antes de ter que vir para o Brasil, Juana já tinha vivido o exílio, com sua família, em Montevideú, onde fundou o clube *El Ateneo de Señoritas*. Muitas mulheres colaboravam de maneira anônima com o periódico, que duraria até 1855.⁷⁵ Ainda no primeiro número, Juana não só instaura definições e objetivos do semanário, como convida seu público a uma reflexão central que trata do trabalho intelectual das mulheres, comparando-se, de pronto, com mulheres escritoras. Em outro número do jornal encontramos um texto com a seguinte interrogação: *quién soy?* Com esta interrogação a editora pretende chamar a atenção de suas leitoras. Para responder, Juana retoma o número de abertura com uma frase nitidamente autobiográfica e fortemente declarativa na busca da aceitação reclamada por Mariquita: “yo sou uma escritora”.⁷⁶ Este desejo alimenta os escritos e posteriores livros de Juana Manso que, assim como outros interlocutores da geração de 1837, utilizou a imprensa como meio de divulgação de suas idéias, como maneira de construir-se, de transformar seu ser, no ser da nação porvir.

Lendo Sarmiento, interlocutor de Mariquita e Joana, podemos chamar atenção para o espaço privilegiado de condensação simbólica assumido pela escrita biográfica. A cada palavra, desenha-se uma arte de eleger não apenas acontecimentos, mas principalmente níveis narrativos capazes de organizar a construção de um sentido.⁷⁷ Ao lermos Mariquita, não podemos saber se estamos presos dentro da existência cotidiana (e nos voltamos desesperadamente para fora dela) ou se dela estamos excluídos (e por isso nela apoiamo-nos incondicionalmente).⁷⁸ Há uma fronteira, um limiar invisível e sempre deslocado entre o dentro e o fora, o sair e o entrar, a solidão e o anseio da comunidade. Kafka descreve essa fronteira como um exílio. Exílio que podemos associar ao duplamente experimentado por Mariquita Sanchez. Talvez não haja dois mundos como, cuidadosamente, sugere uma dada modernidade. Talvez nem exista um único. Talvez haja apenas o resíduo, o fora em seu escoamento eterno.⁷⁹ Mariquita Sanchez viveu o fora e a errância ao exilar-se em si; ou melhor, ao refugiar-se, ao habitar⁸⁰ sua própria escrita. Em suas cartas há uma mulher múltipla que soube utilizar-se da condição de exilada política para construir-se. Soube o significado de deslizar nos limiares do existir. Suas palavras dançam e manejam aparições, criações de si. Criações estas bastante evidentes nas linhas de uma de suas cartas escrita em 1847, desde o Rio de Janeiro, onde permaneceu por pouco mais de um ano:

Aquí hago parte de la sociedad de cuerpo diplomático. Aquí hay lujo para quien quiere; pero puedes andar muy sencilla también. A mí tienen por francesa unos, otros por española, pero lo gracioso es que todos suponen que he estado en Europa por mis maneras. *Yo les dejo creer.*⁸¹ (Grifo meu)

O velho continente era uma espécie de lugar quimérico para Mariquita Sanchez. Seus escritos evidenciam um desejo de Europa, uma vontade de ser. Desejo este partilhado por boa parte de sua geração: Alberdi dizia-se descendente de Cortéz, não de Montezuma. Sarmiento escreveu que a Europa exercia seu domínio cultural sobre todas as partes do mundo, enquanto o resto vivia sob o signo da escravatura, da miséria, privado do verdadeiro esclarecimento.⁸² Diferente deles, Mariquita Sanchez não teve sua ida à Europa concretizada. O sonho de respirar os ares tão esperados permaneceu inconcluso. Mariquita Sanchez não deixava apenas as pessoas da corte brasileira acreditarem que era européia, ou que tenha estado por lá, talvez ela mesma tenha se convencido de tal fato. Na sombra da frase grifada podemos “ouvir” seu suspiro: “*yo también creo*”.

No Rio, Mariquita parece ter reencontrado-se com o luxo e as comodidades com as quais ela se acostumara antes da emigração à Banda Oriental. Lá, transitava toda sua

sofisticação, seus dotes culturais, seu refinamento; exercia toda teatralidade e gestualidade típicas de uma sociedade de corte. Nas cartas enviadas a sua amiga e confidente Florencia, a exilada transmite seu contentamento, principalmente pelo trato com que os brasileiros lhe dispensam: recebia presentes, lhe enviavam carro para fazer seus translados pela capital imperial, possuía muitos amigos na corte onde participava dos bailes e recepções oficiais⁸³. Ainda que pomposos, contavam com a simplicidade de Pedro II e Teresa Cristina, como observa Mariquita em carta a sua filha:

Antes de anoche estuve en el baile del casino donde fueron el Emperador y la Emperatriz. Desde que vine me han querido presentar, pero una está tan abatida que más bien quiere oscurecerse que brillar; pero nos encontramos tan cerca que fue preciso que supiera quién era yo. Se levantó de su asiento y me hizo una gran cortesia, con mucha amabilidad. La primera dama de honor es muy amable, y con ella tengo yo entrada, de modo que iré un día a presentar mis respetos a Su Majestad. En este baile no tienen más distinción que una tarima y dos sillas que están como una canasta, mas altas que las otras. Se conducen con la mayor urbanidad, amables y humildes con todos, que dan gusto.⁸⁴

Nos rituais de corte, a etiqueta não é mera formalidade ou um golpe do acaso. É parte integrante e constitutiva do poder monárquico. São espaços de normatização dos gostos e divulgação de uma *civilité*. As sociedades de corte, acostumadas a seguir e a gravitar em torno do príncipe, apresentam um caráter invariante no que tange a sua ornamentação. O que muda são os lugares, os palácios, as cidades; permanecendo, no entanto, o vínculo social, o *ethos* constitutivo da autêntica pátria. Ali, na corte tropical, a exilada republicana parece ter encontrado uma lacuna, uma fenda em sua vida, que possibilitou a recuperação dos vínculos de elite que havia deixado em Buenos Aires, ratificando a existência de um *ser* estamentário, para além do meramente econômico.⁸⁵ Nesse paradoxo, a argentina reafirma uma condição de passagem, de entre-lugar. Na soleira da vida, ao aproximar-se de Tomás Guido, ministro de Rosas na corte de Pedro II, Mariquita inventa mais uma de suas faces em que os vínculos sociais, culturais e afetivos estão acima de algumas escolhas políticas. Em 28 de outubro de 1846, ela escreveu para sua filha sobre os problemas causados por José Mármol:

mil expresiones de toda la familia Guido, las más ternas. No te puedo decir de los pesares del pobre Guido con las locuras que escribe Mármol. Le ha sucedido a Guido como a mi con los locos que me rodeaban. Aquí les costará trabajo enredarme, y si viene, no le recibiré, porque mi boca está cosida con los hilos: ni una palabra. En lo que puedo hablar bien, hablo; en lo que no, callo.⁸⁶

Na encenação social e política, o silêncio calculado de Mariquita contamina a imagem de si desenhada nas cartas a seu filho Juan e principalmente a do diário escrito para Echeverría. Toda imagem é um desvio, uma contaminação, um conjunto de fragmentos esquizóides feitos de outros fragmentos. O “eu” de Mariquita carrega a multiplicidade de um labirinto sem *topos* ou *telos*. Quando buscamos contornos definidos, deparamo-nos com a ausência de um referente e perdemo-nos no constante movimento de separação de si mesmo. A identidade aqui é alteridade, é diferença. E toda diferença produz um traço e todos os vestígios da diferenciação, em termos de tempo e espaço, constitui uma *différance*. Esse traço não pode ser lido como uma presença. As mariquitas dançam a dança da sobrevivência. Assim, não há como afirmar a presença de um “eu” único. No lugar da mulher forte que ajuda e colabora com os jovens antirrosistas - como normalmente ela é apresentada - surge a mulher que quer se desligar de todos os problemas e desvincular sua figura da dos “locos” que a rodeavam. Ainda que Rosas apoiasse a Revolução Farroupilha e ganhasse o ódio de Pedro II, não era interessante mostra-se como uma feroz opositora numa sociedade baseada na subordinação ao monarca. Por ser paradoxo, Mariquita desliza elegante nas contradições dos mundos.

Muitas foram as mariquita que nos restaram nas páginas de suas cartas, no seu diário, nos olhos de seus contemporâneos, nas análises dos críticos que a precederam. Suas cinzas habitam as múltiplas topografias, compõem diversos cenários e transitam por distintos protagonistas: ela foi a jovem que se enamorou por Martín Thompson a contragosto de sua tradicional família; dama ilustrada que participou da vida cultural e política da Revolução de Mayo; amiga de San Martín e Belgrano; colaboradora de Rivadavia na fundação da *Sociedad de Beneficencia*, próxima da geração romântica, temerosa de Rosas, exilada em Montevideu e Rio de Janeiro, leitora, mãe, mulher, amante, escritora, estabelecida e *out-sider*. Mariquita desenha em sua carne, em seu corpo, em sua história o verdadeiro sentido da vida: habitar o entre-lugar. Posição anunciada por Rugendas no retrato que pinta de Mariquita Sánchez.

Vindo do Chile em março de 1845, o viajante bávaro aporta na sitiada Montevideu disposto a pintar uma espécie de álbum argentino, para o qual registrou cenas de costumes, os Andes, as fronteiras e os indígenas. Entra em contato e transita pelos círculos letrados da capital oriental onde conhece e torna-se amigo íntimo de Mariquita.⁸⁷ No retrato, ela aparece pequena, frágil, delgada e esbelta. Está sobriamente vestida com seda escura, mangas longas e rendas nos punhos e pescoço. Pensativa, apóia a cabeça com uma das mãos, enquanto a outra segura delicadamente um lenço. Uma digna e distinta senhora francesa na (ou da) América. No entanto, o que mais chama a atenção é a paisagem tropical usada para compor a cena.

Rugendas esteve no Brasil entre os anos de 1822 e 1825 onde compôs a obra *Voyage pittoresque dans le Brésil*. Sabe-se como a floresta marcou sua experiência do olhar e de como a natureza tornou-se um emblema de nacionalidade para os românticos brasileiros. No retrato, o viajante opera um interessante tráfego de conteúdos ao pintar Mariquita numa floresta tropical, antecipando, assim, sua viagem ao Rio de Janeiro que só ocorreria um ano mais tarde. Seu gesto pictórico instaura a dúvida e faz cintilar as aproximações entre o que é estranho e familiar.

A imagem de Mariquita está aberta, contaminada, exilada. Seu retrato é o primeiro um indivíduo argentino; não há registros outros anteriores.⁸⁸ O primeiro “eu” Argentino é feito de fragmentos impuros, é constituído no confim, na exterioridade, e é marcado pela violência típica de um gesto fundador.⁸⁹ Fundação inscrita nos contornos de um “eu” desejável, na construção de um muro performático, de uma tipologia que anuncia o caráter, a marca, do ser da nação. Fundação que é pós-fundação, pois a imagem aqui funciona como arquivo,⁹⁰ como aquilo que ultrapassa a condição de lugar fundador da memória, dos nomes próprios, dos eventos singulares para remeter a uma alteridade infinita, já que as imagens jamais estão nelas mesmas.⁹¹ A imagem-nação é uma verdade espectral, um simulacro que habita a fenda e imprime uma força que des-hierarquiza e embaralha as verdades legitimadas. A nação é armada desde a exterioridade e por isso é feita de estilhaços, de fragmentos que desenham um “eu” contaminado de “eus” que pulsam no discurso da ausência, tão necessário para instaurar uma *nomia*. O retrato de Rugendas não só instaurou um desejo de comunidade, como também selou a condição de Mariquita.

Ilium

Exílio deriva do latim *ex-ilium*: uma espécie de expulsão violenta (*ex*) do ventre (*ilium*), do aconchego desejoso, daquilo que nos conforta e protege. Ventre que ganhou o nome de pátria em muitos momentos. Contudo, não há ventre; nunca houve. Não é possível retornar a Ítaca, pois ela é miragem de nossos desventurados olhos. Num mundo onde a desterritorialização é um imperativo constituinte de um *ethos* porvir, o único *habitat* que resta é a própria vida. Vida esta que se converte em grandiosa no ato da escrita moderna, do advento do indivíduo, antecipado por Michel de Montaigne em seus *Ensaïos* e na célebre frase: *je suis moi-même le metière de mon livre*.⁹² Escrita que abre um nexos entre o estrangeiro e a morte; ou melhor, é na escrita que repousam os mortos, ela é sua última morada. Os exilados, nômades, emigrados, peregrinos têm em comum os suspiros da saudade pelos seus mortos e pela língua. Ela que se converte em *oikós*, em última morada.

O desejo de ventre e principalmente a tipologia da comunidade, que deveria estar no aconchego narrativo, ganharam contornos de sangue no século XIX. O ventre passou ser tão violento quanto a força que ativou a ficção da cisão inicial. Rosas e seus opositores compuseram uma cenografia da catástrofe, de guerras discursivas que armaram a impossibilidade. A imanência que resta da exterioridade escreve a continuidade entre exílio e nação que governou o período rosista, a chegada da geração de 1837 ao poder e toda sua famigerada caçada ao seu outro (indígenas e gaúchos). Construïmo-nos ali no ífem que separa e une *ex-illium*.

¹ Prof. Colaborador do Departamento de História da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina).

² Juan Bautista Alberdi. *Escritos póstumos: memorias y documentos*. Tomo XV. Buenos Aires: Imprenta Juan Bautista Alberdi, 1900, p. 307.

³ Jean-Luc Nancy. La existência exilada. In: *Revista Archipiélogo: cuardenos de crítica de la cultura*. n° 26-27, Madrid, 1996, p. 36.

⁴ Paloma Vidal. *A História em seus restos: Literatura e exílio no Conesul*. São Paulo: Annblume, 2004.

⁵ Maurice Blanchot. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 18.

⁶ Alberdi volta para Argentina em 1955, mas logo assume um cargo de diplomata e vai para Europa. Regressa em 1862 com a vitória do presidente Bartolomé Mitre e por conta de divergências exila-se na França onde morre em 1884.

⁷ Ernesto Morales. *Don Juan María Gutiérrez: El hombre de Mayo*. Buenos Aires: El Ateneo, 1937, p. 49.

⁸ *Idem*.

⁹ Juan Bautista Alberdi, *op. cit.*, p 306. A frase final parece uma resposta a Sarmiento. Na dedicatória que faz a Alberdi, em *Campaña en el ejército grande*, Sarmiento escreve ao “primer desertor argentino de las murallas de defensa al acercarse Oribe”.

¹⁰ Em sua Gramatologia, Derrida apresenta a noção de *Brisure*. Embora não haja correspondente em português, podemos aproximá-la das palavras rotura ou juntura. A palavra aportuguesada “brisura” parece dar conta do duplo sentido que Derrida quer implementar, pois é uma parte fragmentada, quebrada. Uma é brecha, fratura, fenda, fragmento. Alberdi funciona como essa brisura, pois é dispositivo que sai da falsa coesão, da unanimidade ingênua; ele é afirmação do violento desejo de dentro, de interior, pois ele é violência lançada para fora, para essa exterioridade que Foucault, Blanchot e depois Nancy nos ensinaram. Cf. Jacques Derrida. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

¹¹ Juan Bautista Alberdi. Escritos. In: Ernesto Morales. *Don Juan María Gutiérrez: El hombre de Mayo*. Buenos Aires: El Ateneo, 1937, p. 80.

¹² Raul Antelo. *Algaravia: Discursos de Nação*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1998, p. 16.

¹³ Cf. Benedict Anderson. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

¹⁴ Edward Said. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 2003, p. 49.

¹⁵ De Juan Bautista Alberdi para Juan Maria Gutierrez. Paris, março de 1856.

¹⁶ *Jornal Ostensor Brasileiro*, n. 36, 1846, p. 289.

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ Raul Antelo, *op. cit.*, p. 17.

¹⁹ Figarillo. Pseudônimo de Juan Bautista Alberdi. Un papel popular. In: *La Moda*, Buenos Aires, 17 Março de 1838, p. 6.

²⁰ *Revista La Moda*, n° 7, ano 1838.

²¹ Cf. Cartas de Mariquita Sánchez a Juan Thompson, entre 1842 e 1856.

²² É chamada assim porque Alberdi as escreveu enquanto estava em Quillota, Chile.

-
- ²³ Cf. Juan Bautista Alberdi. *Cartas Quillotanas (Polêmica com Domingos F. Sarmiento)*. Buenos Aires: Rosso, 1934.
- ²⁴ *Idem*, p. 24.
- ²⁵ De Mariquita Sánchez para Juan Bautista Alberdi, sem data.
- ²⁶ Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1979, livro.III, 12, 1119b, p.10.
- ²⁷ *Idem*, livro.VII, 10, 1152a, p.9.
- ²⁸ De Mariquita Sánchez para Juan Bautista Alberdi, 1º de abril de 1856.
- ²⁹ Podemos identificar, no significativo número de escritos publicados por Alberdi, três fases no que se refere à forma e ao conteúdo de suas intervenções públicas: Em Montevidéu escreveu em folhas soltas nos jornais *El Iniciador*, *El Nacional* e *El Comercio del Plata*; no Rio e Chile escreveu artigos Folhetos no *Ostensor Brasileiro*, *El Progreso*, *El Sigilo*, *El Araucano*, *El Mercurio*, *El Comercio* e *El Diario*; e após a caída de Rosas Alberdi adota o já citado tom conciliador em folhetos, livros ou cartas sem necessariamente passar por um periódico.
- ³⁰ Juan Bautista Alberdi, *op. cit.*, p. 196.
- ³¹ Priscila Fraiz. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 11, nº 21, 1998, p. 68.
- ³² Cf. Michel Foucault. A escrita de si. In: *O que é um autor?*. Lisboa: Veja, 1992.
- ³³ Friedrich Schiller. *A Educação estética do homem (numa série de cartas)*. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 29.
- ³⁴ Juan Bautista Alberdi. *Bases e pontos de partida para a organização política da Republica Argentina*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941, p. 37.
- ³⁵ Oscar Terán. *Historia de las ideas en la Argentina: Diez lecciones iniciales, 1810-1980*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2008, p. 95.
- ³⁶ Cf. Juan Bautista Alberdi, *op. cit.*
- ³⁷ Michel Foucault. *Genealogia del racismo: de la guerra de las razas ao racismo de Estado*. Madrid: Las ediciones de la Piqueta, 1992.
- ³⁸ Juan Bautista Alberdi. *Escritos Póstumos: memórias y documentos*. Tomo XV. Buenos Aires: Imprenta Juan Bautista Alberdi, 1900, p. 360.
- ³⁹ Esses foram “conceitos” ativados por Agamben em seu pensamento político. Na forma como foi pensada na antiguidade grega, o termo *zoé* designa a vida relacionada às questões biológicas ou orgânicas. É a condição humana em seus aspectos de vivência (o que dará em alemão o termo *erlebnis* que Nietzsche e Benjamin opuseram a *Erffahrung*), condição de imersão corporal no mundo cumprindo exigências meramente fisiológicas, como qualquer outro animal. Aristóteles, em sua *Política*, irá diferencial *zoé*, de *bios*, que seria a vida qualificada em seu aspecto político. Ambos os conceitos já estaria imbricados desde o advento da polis grega, no qual a *zoé* estaria incluída por sua exclusão.
- ⁴⁰ Cf. Giorgio Agamben. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Humanitas, 2007.
- ⁴¹ Fernando Pucell. Discursos, práticas e atores na construção do imaginário nacional chileno. In: Marco Pamplona & Maria Elisa Mäder (org’s) *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas: Região do Prata e Chile*. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 193.
- ⁴² Esteban Echeverría. *Páginas autobiográficas*. Buenos Aires: EDUBA, 1962, p. 73.
- ⁴³ Graciela Montaldo. Nación: una historia de la incultura. In: *The Colorado Review of Hispanic Studies*, vol. 5, Fall 2007, p. 39.
- ⁴⁴ Nome de um dos poemas que Esteban Echeverría escreveu no exílio.
- ⁴⁵ Carta de Esteban Echeverría a Melchor Pacheco y Obes. In: ECHEVERRÍA, Esteban Echeverría. *Páginas autobiográficas*. Buenos Aires: EDUBA, 1962, p. 79.
- ⁴⁶ Lord Byron. A peregrinação de Childe Harold. In: *Byron: obras escolhidas*. São Paulo: Edições Cultura, 1943.
- ⁴⁷ Esteban Echeverría. Angel Caído. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Zamora, 1951, p. 783.
- ⁴⁸ Franco Rella. L’angelo e la sua ombra. In: *Rivista di estetica*, nº31, Torino, 1989, p.122.
- ⁴⁹ Quando se busca o vocábulo *Ángelo* na *Enciclopédia Italiana*, lida por Franco Rella, encontra-se a seguinte definição: “Ma nella teologia medievale il problema degli angeli fu associato, e complicato, con quello della

grazia, del libero arbitrio e della predestinazione. Gli angeli, creati buoni, poterono esercitare il libero arbitrio: di modo che alcuni furono giustamente puniti (e, privi della grazia, perseverarono irrimediabilmente nel male); altri invece, superata la prova, hanno conseguito la beatitudine. Mas si discusse se questi angeli buoni avessero conservato o no l'esercizio de loro libero arbitrio". In: Enciclopedia Italiana: di Scienze, Lettere ed Arti. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, Fondata da Giovanni Treccani, 2.ed., 1949, vol.III e vol. XIX, p. 301.

⁵⁰ Elias Thomé Saliba, *op. cit.*, p. 48.

⁵¹ Michel Foucault. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 8.

⁵² Carlos Altamirano & Beatriz Sarlo. *Ensayos Argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires: Ariel, 1997, p. 30.

⁵³ Estevan Echeverría. *Dogma socialista y otras páginas políticas*. Buenos Aires: Ediciones Estrada, 1948, p. 213.

⁵⁴ Carlos Altamirano & Beatriz Sarlo, *op. cit.*, p.31.

⁵⁵ Denis Diderot. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

⁵⁶ Esteban Echeverría. *Los ideales de Mayo y la tiranía*. Buenos Aires: W. M. Jackson, s/d, p.217.

⁵⁷ Esteban Echeverría. *Páginas Autobiográficas*. Buenos Aires: EDUBA, 1962, p.69.

⁵⁸ *Idem*.

⁵⁹ Sergio Giovani. O Intelectual. In: FURET, François Furet (org). *O Homem Romântico*. Lisboa: Editorial Presença, 1998, p. 216.

⁶⁰ *Idem*, p.79.

⁶¹ Esteban Echeverría. *Obras completas*. Buenos Aires: Zamora, 1951, p. 473.

⁶² *Idem*, p. 471.

⁶³ *Ibidem*.

⁶⁴ *Ibidem*.

⁶⁵ "Voy a ocuparme pronto de una mirada retrospectiva sobre el movimiento intelectual em el Plata desde el año de 1837 adelante. Precisamos inventariar lo hecho, para saber donde estamos y quiénes han sido los operários. No creo haya otros nombres que los de nuestra gente. Veremos qué dirá la outra. Se quedará com la boca abierta. Pondré enseguida de ese trabajo el Código (revisto, coregido y aumentado) porque es el resumen de nuestra síntesis socialista... carta de Esteban Echeverría a Juan María Gutiérrez, 24 de dezembro de 1844.

⁶⁶ Esse texto só vai chegar ao publico através da publicação de *Obras Completas*, em 1874, a cargo de Juan María Gutiérrez.

⁶⁷ José Ingenieros. *Evolución de las ideas argentinas. Libro II: la restauración*. Buenos Aires: L. J. Romeo y Cia, 1920, 682.

⁶⁸ Esteban Echeverría. *Obras Escogidas*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1991, p.159.

⁶⁹ Ojeada Retrospectiva teve pouca repercussão tanto entre os companheiros Gutiérrez e Alberdi, como entre os inimigos em Buenos Aires. Cf. Carlos Altamirano & Beatriz Sarlo, *op. cit.*, p. 54.

⁷⁰ Stéphane Michaud. A mulher. In: François Furet, *op. cit.*, p.91.

⁷¹ Mariquita Sánchez. *Cartas*, p. 40.

⁷² A educação feminina foi alvo de toda uma discursividade, de uma disciplina dos gostos, atitudes e saberes. Essa maquinaria discursiva construiu a imagem da mulher leitora, e apenas leitora, como a companheira ideal dos anti-rosistas. Essa era mulher dos novos tempos. Dessa forma, analfabetas e escritoras configuravam um perigo eminente à construção da nação civilizada. Cf. Graciela Batticuore. *Cartas de mujer: cuadros de una encena borrada*. In: Cristina Iglesia. *Letras y divisas: Ensayos sobre literatura y rosismo*. Buenos Aires: EDUBA, 1998.

⁷³ De Manuela Gómez Calzadilla a Mariquita Sánchez. Buenos Aires, 25/09/1841, AZL. Apud. María. Sáenz Quesada. *Mariquita Sánchez: Vida política e sentimental*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1997. O *Archivo Zalaia Lagos* é privado e não permitiu meu acesso para aos originais.

⁷⁴ De Mariquita Sánchez para Juan Maria Gutiérrez, sem data.

⁷⁵ *Jornal das Senhoras*, 1 de janeiro de 1852, n. 1.

⁷⁶ *Idem*.

-
- ⁷⁷ Beatriz Sarlo. *Escritos Sobre Literatura Argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2007, p. 16.
- ⁷⁸ Maurice Blanchot, *op. cit.*
- ⁷⁹ Pal Palbert Pelbart. Literatura e Loucura. In: Margareth Rago. (org). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002, p.287.
- ⁸⁰ Habitar é construir e também cultivar. Significar deixar-ser, fazer surgir, proteger-se. É o existir na referências com as coisas; traço fundamental do que somos, saber do ser que somos. Cf. Martin Heidegger. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ⁸¹ Mariquita Sánchez. *Cartas*, p. 136.
- ⁸² Domingos Faustino Sarmiento. *Viajes*. Buenos Aires: Belgrano, 1981, p. 135.
- ⁸³ Mariquita Sánchez. *Cartas*, p. 129.
- ⁸⁴ *Idem*, p. 136.
- ⁸⁵ Cf. Norbert Elias. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ⁸⁶ Mariquita Sánchez. *Cartas*, p. 137.
- ⁸⁷ Maria Sáenz Quesada, *op. cit.*, p. 205.
- ⁸⁸ Bonifácio Del Carril. *Mauricio Rugendas*. Buenos Aires: Academia Nacional de Bellas Artes, 1966, p. 22.
- ⁸⁹ Jacques Derrida. *Força de lei: o fundamento místico da autoridade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 10.
- ⁹⁰ Jacques Derrida. *Mal de arquivo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p.109.
- ⁹¹ Jacques Derrida. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- ⁹² Michel de Montaigne. *Essais: livre I*. Paris: Flammarion, 1969.

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. Política del exilio. In: *Revista Archipiélago: cuadernos de crítica de la cultura*. n° 26-27, Madrid, 1996.
- _____. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Humanitas, 2007.
- ALBERDI, Juan Bautista. *Escritos póstumos: memorias y documentos*. Tomo XV. Buenos Aires: Imprenta Juan Bautista Alberdi, 1900.
- _____. *Cartas Quillotanas (Polêmica com Domingos F. Sarmiento)*. Buenos Aires: Rosso, 1934.
- _____. Escritos. In: MORALES, Ernesto. *Don Juan María Gutiérrez: El hombre de Mayo*. Buenos Aires: El Ateneo, 1937.
- _____. *Bases e pontos de partida para a organização política da Republica Argentina*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.
- ALTAMIRANO, Carlos & SARLO, Beatriz. *Ensayos Argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires: Ariel, 1997.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- ANTELO, Raul. *Algaravia: Discursos de Nação*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1998.
- _____. Lindes, limites, limiares. In: *Boletim de Pesquisa - NELIC: Edição Especial*, vol.1 - Lindes / Fronteiras (2008).
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1979, livro.III, 12, 1119b.
- BATTICUERE, GRACIELA. Cartas de Mujer: Cuadros de una encena borrada. In: IGLESIA, Cristina. *Letras y Divisas: Ensayos sobre Literatura y rosismo*. Buenos Aires: Santiago Arcos Editor, 2004.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BYRON, Lord. A peregrinação de Childe Harold. In: *Byron: obras escolhidas*. São Paulo: Edições Cultura, 1943.

-
- DEL CARRIL, Bonifácio. *Mauricio Rugendas*. Buenos Aires: Academia Nacional de Bellas Artes, 1966.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____. *Mal de arquivo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- _____. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- _____. Jacques. *Força de lei: o fundamento místico da autoridade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DIDEROT, Denis. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- ECHEVERRÍA, Esteban. *Los ideales de Mayo y la tiranía*. Buenos Aires: W. M. Jackson, s/d.
- _____. *Dogma socialista y otras páginas políticas*. Buenos Aires: Ediciones Estrada, 1948.
- _____. Angel Caído. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Zamora, 1951.
- _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Zamora, 1951.
- _____. *Páginas Autobiográficas*. Buenos Aires: EDUBA, 1962.
- _____. *Obras Escogidas*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1991.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Genealogia del racismo: de la guerra de las razas ao racismo de Estado*. Madrid: Las ediciones de la Piqueta, 1992.
- _____. A escrita de si. In: *O que é um autor?*. Lisboa: Veja, 1992.
- _____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 11, n° 21, 1998.
- GIVONE, Sergio. O Intelectual. In: FURET, François (org). *O Homem Romântico*. Lisboa: Editorial Presença, 1998.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- INGENIEROS, José. *Evolución de las ideas argentinas. Libro II: la restauración*. Buenos Aires: L. J. Romeo y Cia, 1920.
- MONTALDO, Graciela. Nación: una historia de la incultura. In: *The Colorado Review of Hispanic Studies*, vol. 5, Fall 2007.
- MONTAIGNE, Michel de. *Essais: livre I*. Paris: Flammarion, 1969.
- MARMOL, Jose. *Amalia*. Madrid: Ed. Nacional, 1984.
- MORALES, Ernesto. *Don Juan María Gutiérrez: El hombre de Mayo*. Buenos Aires: El Ateneo, 1937. NANCY, Jean-Luc. La existência exilada. In: *Revista Archipiélogo: cuardenos de crítica de la cultura*. n° 26-27, Madrid, 1996.
- OBLIGADO, Partor. El salón de madama Mendeville. In: *Tradiciones de Buenos Aires*. Buenos Aires: Eudeba, 1977. Oblicado foi um intelectual liberal que aderiu as causas de Bartolomé Mitre e Sarmiento depois de Caseros.
- PAMPLONA, Marco & MÄDER, Maria Elisa (org's) *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas: Região do Prata e Chile*. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PELBART, Pal Palbert. Literatura e Loucura. In: RAGO, M. (org). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- PUCCELL, Fernando. Discursos, práticas e atores na construção do imaginário nacional chileno. In:
- RELLA, Franco. L'angelo e la sua ombra. in: *Rivista di estetica*, n°31, Torino, 1989.
- SARMIENTO, Domingos. Faustino. *Viajes*. Buenos Aires: Belgrano, 1981.
- SARLO, Beatriz. *Escritos Sobre Literatura Argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2007.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- SCHILLER, Friedrich. *A Educação estética do homem (numa série de cartas)*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- TERAN, Oscar. *Historia de las ideas en la Argentina: Diez lecciones iniciales, 1810-1980*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2008.

VIDAL, Paloma. *A História em seus restos: Literatura e exílio no Conesul*. São Paulo: Annblume, 2004.